

## **PRÁTICAS CORPORAIS E DISCURSO SOBRE SAÚDE EM UMA OPERADORA DE PLANOS DE SAÚDE DA CIDADE DE MARINGÁ-PR\***

**Beatriz Ruffo Lopes**

*biaruffo@gmail.com*

**Universidade Estadual de Maringá (UEM)**

### **RESUMO**

O presente estudo objetiva relatar e refletir acerca de uma experiência no campo profissional da educação física em uma operadora de planos de saúde no sentido de descrever elementos contextuais firmados entre as práticas corporais e o discurso sobre saúde. É possível observar que as relações entre professor, aluno, práticas corporais e promoção da saúde são reguladas por elementos sociopolíticos que direcionam a responsabilidade para com o alcance de bons resultados aos clientes e aos profissionais da educação física.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Educação física; Saúde; Práticas corporais.*

### **INTRODUÇÃO**

Refletir acerca da saúde, como professora de educação física, é um grande desafio, sobretudo pelo entendimento ainda reinante, em especial, no senso-comum, que associa a saúde à ausência de doença e sua reflexão ao viés biológico. Isso porque, historicamente, a educação física possui forte vínculo com a lógica médica de percepção de corpo e de práticas corporais (SOARES, 1994), o que delimita o campo da saúde no interior da área por meio de um discurso generalista de atividade física como principal meio de aquisição e manutenção do estado de vida saudável (GOMES, 2019).

Esses ideais biológicos de saúde e atividade física, ainda presentes na contemporaneidade, foram constatados com veemência em minha prática profissional, na função de “educadora física”<sup>1</sup>, durante cinco anos (2014-2019), no setor de medicina preventiva de uma operadora de planos de saúde, na cidade de Maringá-PR, composta por equipe multiprofissional<sup>2</sup>. A rotina de trabalho envolvia atendimentos aos beneficiários vinculados à operadora por meio de aulas coletivas de treinamento funcional.

No decorrer das aulas como professora colaboradora da referida operadora de saúde privada, alguns questionamentos surgiram na medida em que eu me deparava com abordagens de saúde para além do

\* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. O desenvolvimento desse relato de experiência contou com a colaboração da Profa. Larissa Lara (Universidade Estadual de Maringá), a qual é orientadora de meus estudos doutorais junto ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação-Física UEM-UEL.

<sup>1</sup> Embora reconheça as limitações da expressão “educadora física”, essa era a referência feita pela empresa atribuindo os professores de educação física a função de “educadores físicos”. Essa denominação se dava tanto nas relações profissionais, quanto no campo burocrático (documentos, protocolos e contratos da empresa).

<sup>2</sup> Equipe composta por profissionais de enfermagem, nutrição, psicologia e professores de educação física.



viés das Ciências Naturais. Minha vivência acadêmica propiciava aproximações com referenciais que traziam contextualizações de saúde pautadas na visão sociocultural, a exemplo das pesquisas de Fraga, Carvalho e Gomes (2012, 2013, 2015), de pesquisas advindas dos Estudos Culturais Físicos (PCS), como os de Rich (2011), Wiltshire, Fullagar e Stevinson (2018) e Williams e Fullagar (2019), entre outras leituras que incitavam à reflexão acerca do que se entende por saúde a partir das Ciências Humanas.

Perante as inquietações acerca do discurso sobre saúde e o papel fundamental que a empresa em questão atribuiu aos profissionais de educação física, como meio de promoção e prevenção dessa saúde, esse estudo objetiva relatar a experiência como professora de educação física em uma operadora de planos de saúde, situada na cidade de Maringá – PR, no sentido de descrever elementos que envolvem os processos contextuais firmados entre práticas e discursos sobre a saúde do corpo. Para relatar a experiência como professora em uma empresa de saúde privada, considero importante compreender a conjuntura política e social inerente à rotina profissional.

## **PRÁTICAS CORPORAIS E O DISCURSO SOBRE CUIDADOS À SAÚDE**

Ao falar acerca da saúde na educação física e ao buscar romper com percepções restritas, almejo entendimentos que possam ir além do conceito de saúde orientado “na biologia e tratado como ausência de doença” (OLIVEIRA; MARTINS; BRACHT, 2015). Nesse relato, meus anseios se aproximam das reflexões de Fullagar (2019, p. 65, tradução nossa) ao apreender que “falar criticamente sobre saúde requer que entendamos como a saúde é vivenciada por meio de práticas corporais, à medida que os indivíduos exercem diferentes graus de atuação dentro das forças socioculturais, políticas e econômicas do liberalismo avançado”.

É nesse sentido que apresento as inquietações referentes à experiência como professora de educação física em um contexto que, predominantemente, apropriava-se do discurso limitado de estilo de vida saudável, prevenção e promoção da saúde, sugerindo um estilo de vida ideal. No bojo desse processo, três principais elementos são analisados: a) papel do “educador físico” como professor e funcionário de uma empresa privada; b) papel do cliente pagador que usufrui do serviço; c) operadora de plano de saúde na função de administrar, disponibilizar e comercializar o serviço de saúde.

Em minha atuação como professora de educação física, mediadora de atividades físicas para usuários de um plano de saúde, eram notáveis as interferências de processos sociopolíticos na preocupação da operadora em atingir metas de qualidade em saúde, exigidas pelo mercado por intermédio dos parâmetros da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Isso porque, com a grande expansão dos planos de saúde e fragilidades do sistema público (Sistema Único de Saúde - SUS) surgiram implicações contemporâneas às operadoras de planos de saúde (PEREIRA FILHO, 1999), a exemplo da criação de medidas de controle e fiscalização, por parte do governo brasileiro, como a ANS. Os objetivos da ANS abrangem medidas para assegurar padrões de eficiência e qualidade em saúde privada, no Brasil, (BRASIL, 2019), as quais constituem estratégias de promoção e prevenção à saúde, tendo a prática de atividade física como um dos critérios a serem avaliados.

Para ilustrar essa problemática, alguns dados da própria operadora de saúde na cidade de Maringá fornecem alguns dos indicadores que corroboram preocupações das empresas de saúde privadas. Esses elementos de medição são meios criados para garantir a qualidade no atendimento à saúde: a) indicador de resolutividade (alunos eram avaliados anualmente, pela equipe de professores, no sentido de quantificar se sua capacidade funcional obteve melhora ou manutenção); b) indicador de satisfação (por meio de pesquisas realizadas pelo setor administrativo, avaliando a satisfação quanto ao atendimento nas aulas com o professor de educação física); c) indicador de frequência dos beneficiários (contabilização do número de presença e faltas nas aulas de atividade física).

A partir dessas constatações percebo que as práticas corporais como ferramenta de promoção e prevenção à saúde eram - nessa operadora de plano de saúde - reguladas por elementos sociopolíticos, entretanto, a responsabilidade de garantia de bons resultados foi direcionada para os profissionais de



educação física, bem como para os usuários que estavam cientes das incumbências a serem cumpridas. Assim, os professores deveriam garantir a melhoria ou a manutenção de indicadores que se configuravam como métodos de medição reducionistas e instrumentalizados. Tal fato me faz lembrar a crítica apresentada por Fensterseifer (2001) acerca da instrumentalização da área da educação física que, muitas vezes, tem seu processo pedagógico pautado na lógica reducionista, com ênfase na eficácia. Em outras palavras, o autor compreende que a ideia de instrumentalização e a relação com a teoria se dá forma acrílica, portanto, mecânica.

Ainda, na empresa privada de saúde em que atuei, clientes deveriam se autovigiar no sentido de manter a frequência nas sessões de exercício físico, bem como preservar seus hábitos saudáveis para que suas capacidades funcionais permanecessem as mesmas ou até mesmo progredissem anualmente. Ações complementares eram direcionadas aos beneficiários, com caráter de responsabilização e individualização da saúde, como programas de conscientização e palestras realizadas pela equipe multiprofissional, teleatendimento feito por enfermeiras com orientações de saúde, hábitos ideais e até mesmo de exercícios físicos para serem praticados em suas próprias casas, entre outras campanhas que surgiam no sentido de promover a saúde. Essas medidas, em que são ditadas e sugeridas ações de cuidados à saúde do corpo, podem ser também verificadas na pesquisa de Gomes (2019, p.131) ao enfatizar que a saúde, a qualidade de vida e a liberdade na contemporaneidade são aspectos vinculados a manuais de autoajuda, a discursos políticos e a propostas pedagógicas.

Por fim, como professora envolvida nesse processo, identifico-o de modo similar às preocupações de Fullagar (2019, p.65, tradução nossa) ao afirmar que “somos bombardeados com conselhos de especialistas e imagens sobre como os corpos saudáveis devem ser (comer, mover) e parecer nas escolas, no esporte, na mídia, no *fitness* e nos locais de trabalho, por uma indústria biomédica e de bem-estar em rápido crescimento”. Nesse contexto, os estilos de vida saudáveis, assim como adverte Rich (2011), são promovidos na sociedade não apenas como comportamentos que diminuem riscos, mas também como um modo de vida desejado. Assim, no cotidiano pedagógico como professora de educação física, foi possível perceber que imperativos de saúde que permeiam a rotina profissional constituíam-se como discursos “poderosos e penetrantes” (RICH, 2011, p.68) que incitavam à preocupação, ao monitoramento dos corpos e ao cuidado de si próprio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar a experiência como professora de educação física em uma operadora de planos de saúde evidencio de que modo, durante as aulas realizadas nesse espaço, interferências eram recorrentes e transcendiam os espaços da empresa privada, marcadas por relações sociopolíticas, culturais e econômicas. Vejo nessas interferências reflexões semelhantes às realizadas por Candau (2014) ao compreender que, no processo de ensino e aprendizagem, três elementos aparecem indissociáveis: aspectos humanos (relação interpessoal e intragrupal), aspectos técnicos (sistematização e organização do trabalho de aprendizagem) e aspectos políticos (aspectos de cultura, classe e organização social).

No contexto das vivências profissionais foi possível inferir que, nas relações entre professor e cliente, as práticas corporais configuram-se como meios de promoção da saúde e são reguladas por elementos complexos e dinâmicos. Além disso, a responsabilidade de garantia de bons resultados em saúde é direcionada aos clientes (alunos) e profissionais de educação física.



## **CORPORATE PRACTICES AND HEALTH DISCOURSE ON A HEALTH PLANNING OPERATOR IN THE CITY OF MARINGÁ-PR**

### **ABSTRACT**

The present study aims to report the experience as a physical education teacher in a health plan operator, in order to describe contextual elements established between corporal practices and health discourse. It is possible to observe in the relations between teacher and patient that the corporal practices, as means of health promotion, are regulated by sociopolitical elements. In addition, the responsibility for ensuring good health outcomes is directed at clients and physical education professionals.

**KEYWORDS:** *Physical education; Health; Bodily practices.*

## **PRÁCTICAS CORPORAIS Y EL DISCURSO SOBRE SALUD EN UNA OPERADORA DE PLANES DE SALUD DE LA CIUDAD DE MARINGÁ-PR**

### **RESUMEN**

El presente estudio objetiva relatar la experiencia como profesora de educación física en una operadora de planes de salud, en el sentido de describir elementos contextuales firmados entre prácticas corporales y el discurso sobre salud. Es posible observar en las relaciones entre profesor y alumno que las prácticas corporales, como medio de promoción de la salud, están reguladas por elementos sociopolíticos. Además, la responsabilidad de garantizar buenos resultados en salud se dirige a los clientes y profesionales de la educación física.

**PALABRAS CLAVE:** *Educación física; Salud; Prácticas corporales.*

### **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. *Agência Nacional de Saúde Suplementar*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <http://www.ans.gov.br/> >. Acesso em: 19 jun. 2019.
- CANDAU, V. M. A didática e a formação de educadores - da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 13-24.
- FENSTERSEIFER, P. E. *A educação física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- GOMES, I. M. Corpo, consumo e bioidentidades: trajetória de pesquisa e perspectivas analíticas na formação do indivíduo saudável. *Revista Tempo e Espaços em Educação*, Sergipe, Brasil, v. 12, n. 28, p. 127-138, jan./mar. 2019.
- OLIVEIRA, V. J. M.; MARTINS, I. R.; BRACHT, V. Projetos e práticas em educação para a saúde na educação física escolar: possibilidades!. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 26, n.2, p. 243, 2015.
- PEREIRA FILHO, L. T. Iniciativa privada e saúde. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 109-116, abr. 1999.
- RICH, E. Exploring the relationship between pedagogy and Physical Cultural Studies: the case of new health imperatives in schools. *Sociology of Sport Journal*, v. 28, n.1, p. 64-84, 2011.
- SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- WILTSHIRE, G, FULLAGAR, S, STEVINSON, C. Exploring parkrun as a social context for collective health practices: running with and against the moral imperatives of health responsabilisation. *Social Health Illness*, Oxford, v.40, n.01, p. 3-17, 2018.

